

Souza, Jonathan Almeida de

Resenha de: COSTA, Alexandre. *Thánatos*: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico.

# ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

**COSTA, Alexandre. *Thánatos*: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico. São Paulo: Odisseus, 2018. (nova edição em versão eletrônica)**

Jonathan Almeida de Souza  
Mestre em Filosofia, UFF

---

**RESUMO:** Análise crítica do livro *Thánatos: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico*, de autoria de Alexandre Costa. Buscamos apresentar os problemas observados pelo autor e, concomitantemente, demonstrar algumas de suas soluções interpretativas dos conceitos tradicionalmente considerados centrais na filosofia de Heráclito.

**PALAVRAS-CHAVE:** Heráclito. Ética. *Zoé. Bíos. Thánatos*.

**ABSTRACT:** Analysis of the book *Thánatos: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico*, by Alexandre Costa. We seek to present the problems observed by the author and, at the same time, to demonstrate some of their interpretative solutions of concepts that are traditionally considered central to Heraclitus' philosophy.

**KEYWORDS:** Heraclitus. Ethic. *Zoé. Bíos. Thánatos*

---

*Thánatos: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico* foi publicado pela primeira vez em 1999, pela EDIPUCRS, e em 2018 renasce em formato digital. *Thánatos* retorna como uma importante fonte para filósofos e helenistas que se debruçam sobre o pensamento desenvolvido pela primeiríssima filosofia. Esta obra propõe uma resposta aos mais espinhosos temas e conceitos presentes no pensamento de Heráclito de Éfeso. Além disso, este texto apresenta questões de interesse para todos os que veem a morte como lugar de dúvida e de questões consubstancialmente conectadas no ininterrupto devir.

Dividido em três capítulos centrais mais uma introdução e um epílogo, o autor desenvolve, de modo crítico e em grande parte embasado em rigoroso (mas não rígido) estudo filológico da língua grega, uma interpretação acerca do que há de mais complexo e do que é chave de interpretação para os demais fragmentos de Heráclito: o *lógos*. Já na

Souza, Jonathan Almeida de

Resenha de: COSTA, Alexandre. *Thánatos*: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico.

*Introdução*, o autor apresenta o problema que todo aquele que se dedicar ao estudo da filosofia de Heráclito vai ter que se deparar: os textos fragmentados de seu pensamento. Observe-se a este respeito que para utilização e interpretação dos fragmentos, faz-se necessário pensar a importância de cada um deles a partir de seu estabelecimento e de sua contextualização, ou seja, da doxografia e dos diversos aparecimentos destes fragmentos no interior da própria história da filosofia, buscando um conhecimento íntimo e uma hermenêutica consistente com a experiência da tradução.

*Thánatos* pode ser resumido, a grosso modo, em três pontos: (1) o que a semântica atribuída ao vocábulo *thánatos* no interior dos fragmentos de Heráclito pode fornecer como material para pensar a morte; (2) que saber acerca da morte esses fragmentos acomodam; e (3) o que é o *lógos*. Talvez o mais correto seria colocar o problema do *lógos* em primeiro lugar, pois o mote de todo o livro se dá na tentativa de responder o que poderia ser/significar este conceito, visto que ele: (1) é o centro dos fragmentos e da filosofia de Heráclito; (2) é uma forma de dar sentido à filosofia do Efésio; (3) é necessário compreendê-lo para a compreensão/interpretação de qualquer outro conceito dentre os 126 fragmentos.

O livro foi estruturado da seguinte forma: (1) pensar a *phýsis* e o *kósmos* a partir de uma compreensão do *lógos* heraclítico abrindo o problema para as questões que giram no entorno dos conceitos como *devir*, do *ser*, do *tempo* e da *doutrina do fogo*; (2) observar a relação entre *tempo* e *fogo*, que são constituintes do *kósmos*, como sendo uma *vontade de corrupção* presente em tudo o quanto há vida. Este problema desdobra-se na configuração de *thánatos* como *transição* e como *alteridade*. Essas modalidades de *thánatos* conjugam-se com a vida: *zoé* (vida geral) e *bíos* (vida particularmente humana). Haveria, então, na língua grega uma marca que transmite uma ideia de diferenciação na própria conjuntura da vida. Isto abre, portanto, a terceira parte do livro, que busca compreender a relação entre o homem, o *lógos* e *thánatos* gerando necessariamente uma ética.

O primeiro capítulo enfoca a presença constante do conceito de *lógos* entre os fragmentos de Heráclito, argumentando que a urgência na compreensão e problematização deste vocábulo é fundamental para a análise, tradução e interpretação do pensamento de Heráclito. Demonstra também como os outros conceitos centrais, como *kósmos* e *phýsis* esbarram nesta compreensão do *lógos*, indicando que todos os

Souza, Jonathan Almeida de

Resenha de: COSTA, Alexandre. *Thánatos*: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico.

conceitos presentes na filosofia de Heráclito estão subordinados ao discurso do *lógos*. A morte, ou *thánatos*, não está livre desta relação. Para compreender a morte em Heráclito, antes deve-se entender o que vem a ser este *lógos*, qual a sua natureza e o seu comportamento.

O autor parte de um pressuposto que é a identificação de dois *lógoi* nos fragmentos de Heráclito: o primeiro sendo um *lógos* particular, contingente; e o segundo um *lógos* comum, que determina o modo como cada coisa vem a ser. Há um *lógos* particular, que é o *lógos* humano, e um *lógos* comum, que se faz presente no comportamento de todo e cada ente. Contudo, alguns problemas surgem diante desta compreensão: (1) o *lógos* particular poderia estar em acordo com o *lógos* comum?; (2) como e o que significam estes *lógoi*?; (3) haveria uma unidade entre eles?

O *lógos* particular pode harmonizar-se com o *lógos* comum. O primeiro *lógos* marca a possibilidade humana de pensar o segundo, pois engendra muitos discursos acerca deste *lógos* comum. Os discursos humanos, portanto, são passíveis de estar em concordância ou em discordância com o *lógos* comum. Esta discordância seria a marca de uma não compreensão da parte do humano acerca do *lógos* comum. Sendo assim, o *lógos* comum é intraduzível, mas é passível de ser escutado, pois carrega consigo discursos acerca do comportamento de cada ente conforme a sua *phýsis*. O passo seguinte será determinar o que vem a ser esta *phýsis*. Esta guarda a natureza de um dizer, pois todo fenômeno acontece já como linguagem, uma vez que é o *lógos* comum que determina o comportamento de cada ente. A *phýsis* deve ser entendida como sendo o *lógos* comum aplicado ao ser. Essa fórmula, é o que há de mais natural, visto que é a partir daí que os fenômenos se revelam no *kósmos*. O ser é sendo, e é sendo como linguagem, como discurso, no *kósmos*. A diferença estaria reservada pela natureza, pois o *lógos* comum é caracterizado pelo vir a ser de cada ente e o *lógos* particular demarcado pelas possibilidades da fala e do pensamento humano.

O comportamento fundamental do *lógos* comum é marcado por um discurso da *phýsis*. Este discurso é o *como* de cada ente que se revela ao humano. Este, por sua vez, está tragicamente condenado a percebê-lo. O humano não pode não perceber este discurso emitido pela *phýsis*. Contudo, vale dizer que este *lógos* comum independe da perspectiva e da condição do pensável do humano para se comportar e, como bem observa o autor do *Thánatos*, em todo o *kósmos* só o homem pode captar o discurso e se

Souza, Jonathan Almeida de

Resenha de: COSTA, Alexandre. *Thánatos*: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico.

aproximar do *lógos* comum, posto que o humano percebe tudo quanto se apresenta no *kósmos*.

O *kósmos* é o lugar onde o *lógos* comum se revela. A *phýsis*, por sua vez, se revela como *lógos*, como discurso que acontece no *kósmos*. Sendo assim, a unidade do *kósmos* é delimitada a partir da relação entre o *lógos* comum (que é o próprio dizer) mais a *phýsis* (que é revelar) somado ao *ser* (que é a própria existência). Este cálculo determina a forma e é a fôrma dos entes sensíveis. É assim que a *phýsis* se torna sensível e passível de ser escutada pelo humano. Pois isso é o *kósmos*: lugar em que a pluralidade do universo se apresenta e que, em Heráclito, não foi nem criado por humano, nem por deuses: simplesmente é como é. Pode-se compreender que a interpretação apresentada no *Thánatos* mostra que o *lógos* comum é o discurso da *phýsis*, e esta, o comportamento de cada ente no *kósmos*, e neste, como as coisas aparecem. É neste último o lugar onde o *lógos* comum discursa, tornando-se perceptível ao humano. O *kósmos* é o lugar do movimento que resulta em desenvolvimento e degeneração, nascimento e morte.

Sendo a *phýsis* entendida como natureza, ela reserva para cada ente o modo específico que o distingue no interior do *kósmos* e o *lógos* particular abre-se para perceber cada coisa segundo sua própria natureza. Este *lógos* particular concorda ou discorda, nesta percepção, com o *lógos* comum. O comportamento do *lógos* comum é, portanto, mostrar-se visivelmente e sonoramente no *kósmos* e expressa sua lógica no modo de ser de cada ente, quer dizer, na *phýsis*.

Este *lógos* comum doa ao *kósmos* o elemento fundante de todo movimento: a incontornável necessidade da relação de contrários, sustentada pela relação que os prefixos *syn-dia* assumem na escrita de Heráclito. Estas antíteses formam o lugar da manifestação empírica da vida e são os primeiros traços da dinâmica do *kósmos*, tal como está exposto no interior do *Thánatos*. Antíteses que podem ser entendidas como *morrer-viver*, por exemplo, são consideradas como a primeira dinâmica do *kósmos*. Além das antíteses, há outros traços que configuram esta dinâmica, tais como, o tempo, o movimento, o fogo, a transformação e a fluência.

Ao que diz respeito ao tempo, há dois aspectos: (1) o tempo que é sempre e (2) o tempo que *foi, é e será*. Estas duas ideias de tempo revelam que o *kósmos* vive sempre e que sua vida não tem começo nem fim. São nestes modos do tempo que a terceira

Souza, Jonathan Almeida de

Resenha de: COSTA, Alexandre. *Thánatos*: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico.

dinâmica do *kósmos* se revela: o universo inteiro está em ininterrupto movimento, uma vez que é no movimento do *kósmos* que ocorre a *performance das antíteses*, a própria condição para estabelecimento da vida e da morte. A quarta dinâmica é o fogo, sendo que este se restringe fundamentalmente ao *kósmos*, quase como símbolo deste último, pois a sua constituição física possui a facilidade de se multiplicar e de transformação dos diversos entes presentes no *kósmos*. O fogo é a expressão do uno no *kósmos*, ou melhor, há uma identidade entre eles. Esta identidade revela algo comum entre o *kósmos* e o fogo, a relação de antíteses (acende - apaga) que se mantém presente em ambos, configurando, dessa forma, duas possibilidades de medidas no *kósmos*: o tempo e o fogo. E assim alcançamos a quinta dinâmica do *kósmos*: a transformação. O *kósmos* é entendido por Heráclito como ordenação e beleza, ele não é caos. Essa transformação mostra o *nómos*, a lei presente nos comportamentos de cada ente. Essa transformação articula-se impreterivelmente com a última dinâmica do *kósmos*: a fluência. O *kósmos* está em um fluido devir.

O segundo capítulo versa sobre a *conjugação de vida e morte: thánatos e zoé*. O autor busca partir da interpretação do *lógos* comum para compreender a relação entre morte (*thánatos*) e aquilo que pode-se chamar de vida geral (*zoé*), que configura o que há de primordial no *lógos* comum: a oposição dos contrários. Esta antítese do *lógos* comum conjuga *thánatos* e *zoé*, que estão em plena correspondência e estão sempre vinculadas.

Ao analisar a *morte e finalidade*, o pensamento humano se baseia na experiência de que tudo o que vive irrevogavelmente morre. A morte está presente na *phýsis* de cada ente e, por extensão, no *kósmos*. O *nómos* é a lei estabelecida pela *phýsis*, presente no comportamento de cada ente. Esta lei é definida como constante da relação que se revela na convicção que se dá entre o viver e o morrer. O que se vive em *zoé* é a morte. *Thánatos* é a lei que rege a vida em *zoé*, porque a vida encontra o seu *gran finale* na morte. Contudo, se o movimento leva à transformação, a transformação do ente o conduz para morte. Todas as dinâmicas do *kósmos* apresentadas acima resultam na morte do ente. Cada batida do coração, cada estalar das pedras e de tudo o mais é uma aproximação de *thánatos*.

Duas modalidades configuram o caráter de *thánatos*, são elas vocação e presença. Vocação é concretizada na lei de que a morte é um resultado do que se pode

Souza, Jonathan Almeida de

Resenha de: COSTA, Alexandre. *Thánatos*: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico.

denominar como ápice do devir. Presença mostra que a morte se faz presente sempre. A morte participa tanto do presente quanto do futuro como lei da *phýsis*. Estes dois caracteres de *thánatos* revelam a sua *phýsis*, isto é, o seu comportamento, timbrando o *kósmos* com a sua realização fática. A transformação radical do ente em outra coisa.

Entretanto, ao falar sobre a *morte e transição*, o autor discorre a partir de dois pontos: a morte contínua e a morte de fato. A primeira está mais adjacente da vocação e presença, porque o ente morre continuamente: o ente foi, é e será. O *foi* já apresenta a morte daquilo que era para nascer o que *é*. Essa morte que ocorre a cada instante não é a morte de fato. Esta é, na perspectiva do ente, irrevogável, pois transforma-o em uma outra coisa que não mais aquele ente. Essas duas formas de morrer marcam duas formas de devir, que deve ser entendido como a transformação constante do ente. Havendo, portanto, duas formas de transformação: a *transformação sucessiva* e a *transformação fátual*. A presença de *thánatos*, não ocorre na transformação sucessiva. Porém, na qualidade de morte como transformação fátual, *thánatos* se torna indispensável. Há uma mudança completa na estrutura do ente quando a morte fática acontece. E este é o que há de mais autêntico na filosofia de Heráclito: ao morrer a morte fática, um fim foi marcado, mas marca-se também o início de uma outra coisa. A oposição dos contrários morte-vida uma vez mais retorna e aparece como elemento crucial da vida.

Ao explicar a *morte, negação e alteridade*, o autor desenvolve a ideia de limite que deve ser entendida como o espaço da vida de cada ente. O discurso do *lógos* comum não nos permite confundir o comportamento da água com o comportamento do vapor. Há um rompimento do limite de uma forma para outra e este rompimento é o encontro do ente com a morte. A ideia de morte como negação se satisfaz naquilo que nega o caráter existencial do ente, pois a morte o nega enquanto ente, pois transforma-o em outra coisa.

A presença constante da morte é observada pelo ente a partir da alteridade, uma vez que o ente não é capaz de viver a própria morte, pois quando há o atravessamento do limite que circunscreve o seu comportamento possível, este ente deixa de sê-lo. Este limite é a medida, é o lugar que circunscreve o ente na vida. A condição do ente, portanto, não se firma sobre os alicerces do querer, mas na compreensão do limite reservado pelo seu *êthos*. A morte é então uma experiência da alteridade. A condição do

Souza, Jonathan Almeida de

Resenha de: COSTA, Alexandre. *Thánatos*: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico.

ente é estar condenado a ver a morte sempre a partir da sua alteridade, entendida como sendo tudo o que não é o ente.

O terceiro capítulo continua com a análise das relações entre *thánatos* e a vida. Neste momento da argumentação acerca da vida, o autor propõe uma forte cisão entre os tipos de vida. Considera-se que há, no mínimo, dois tipos de vida possíveis. O primeiro é a vida de tudo que vive. É a vida que todos os viventes compartilham. O termo grego para esta qualidade de vida é *zoé*: a vida de tudo que vive. O segundo é a vida necessariamente humana, é *bíos*. O humano conjuga *zoé*, a vida animal e orgânica, e *bíos*, a vida ética e das escolhas. *Bíos* é restrita, mas não exclusiva do homem, cabendo aos deuses participar dela também. Apesar disso, a relação entre *bíos* e *thánatos* só pode se dar no homem, pois somente o homem morre.

Surge daí um paradoxo: a possibilidade de o homem estar morto para *bíos*. A morte de *bíos* significaria, justamente, a morte da humanidade do humano. Diante disso, duas hipóteses se abrem: ou o homem morto para *bíos* nega a morte de modo irrevogável, ou a possibilidade de morrer dá a ele a chance de viver *bíos*. A primeira hipótese parece delinear o impossível, pois não pode ser aceita uma morte sem vida. A segunda trataria melhor da condição humana, pois mesmo não podendo viver a vida dos deuses, o homem pode viver a sua própria vida. *Bíos* é o que distingue os homens do resto, é o espaço da vida humana que corresponde a uma vida ética. Isso quer dizer que o valor de *bíos* se percebe na relação entre o *lógos* comum e o *lógos* particular.

Nesta relação *homem-lógos* comum, este *lógos* comum afirma algo. Esta enunciação é *comunicada* para o homem. O *lógos* comum diz e o *lógos* particular, do humano, captura, apreende. Através da *phýsis* o *lógos* comum torna-se audível e manifesto aos olhos, permitindo que o homem compreenda ou não.

Esta relação do homem com o *lógos* comum configura a sua condição trágica. O homem está condenado a lidar com o discurso do *lógos* comum. Não há outra possibilidade para este mortal. O *lógos* comum comunica um discurso e o *lógos* particular o reverbera. O *lógos* particular é, por assim dizer, uma extensão do *lógos* comum e essa condição é o que determina a sua condição ética.

O *lógos* particular teria também duas potências em sua atividade: a potência de apreender e a de compreender. Sendo o apreender o primeiro passo da atividade do *lógos* particular, o homem se relaciona com o *kósmos*, ouvindo e lendo o dito do *lógos*

Souza, Jonathan Almeida de

Resenha de: COSTA, Alexandre. *Thánatos*: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico.

comum. A compreensão já é o entendimento do discurso apreendido, podendo, agora, ser repetido em forma de eco aquele primeiro dito.

Entre a atividade de apreender e o compreender está o pensar. Ao apreender, ele colhe e reúne compreendendo. Ao compreender, tenta dizer toda a apreensão em seu próprio *lógos* particular. Deste modo, o *lógos* particular é reunião e colheita, ao apreender, e linguagem e discurso, ao compreender. Ao homem cabe a possibilidade de compreender ou não na medida em que se aproxima ou se distancia do *lógos* comum

O *lógos* particular, quando distanciado do *lógos* comum, ouve apenas o discurso deste como uma disфония semitonada, isto é, a percepção, neste caso, é uma percepção de um ruído antimusical, o que gera uma impossibilidade de compreensão do discurso do *lógos* comum. Ora, se o *lógos* comum discursa para o humano, este tem que estar disposto, aberto, para compreender as nuances daquele discurso tal como o apreciador diante de uma sinfonia. Reconhecer a forma, o conteúdo, a dinâmica, o tema, o andamento e as texturas presentes no discurso e as mais diversas fraseologias que emanam da orquestra é condição *sine qua non* para um ouvido que apreende e compreende o conteúdo disponível no discurso do *lógos* comum.

Deve-se lembrar que as línguas não se equivalem, pois na relação entre *lógos* particular e *lógos* comum há uma diferença de afinação. A instrumentação dos dois diferentes *lógoi* não se ornamentam. O que nos permite aferir é que o conteúdo do *lógos* comum não é o mesmo que o do *lógos* particular, o *lógos* da *idiotia* humana. Para se aproximar daquele discurso, é necessário que o humano encontre um espaço de silêncio para ouvir não a si, mas ao *lógos* comum.

A relação entre *bíos* e *thánatos* pode estar ou não em *homología* com o *lógos* comum. Estar homologado é estar em concordância com o *lógos* comum e isso significa estar vivendo a vida reservada para *bíos*. Esta vida humana, *bíos*, mostra a tensão reservada para a vida particularmente humana, o que Heráclito explora no seu jogo com os significados de *bíos*. Levando em consideração que *arco* e *vida* se escrevem com mesmos caracteres em grego (*βίος*), o homem se apresenta como este arco que está em constante tensão. Tensão essa que só é possível em relação a alguma coisa que é gestada pelas oposições presentes na possibilidade de estar em *homología* ou *não-homología*. Esta é a oposição crucial que determinará todas as outras relações entre oposições, tal como, ser humano ou ser desumano. Não estar em *homología* é já estar morto por se ter



Souza, Jonathan Almeida de

Resenha de: COSTA, Alexandre. *Thánatos*: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico.

falhado na tarefa de realizar o próprio do humano, o que faz do arco a condição de abertura para a ética humana. O *lógos* particular abre a possibilidade de tornar o humano ético. A resistência ao *lógos* comum é a forma de vida morta, chamado no texto de “morto-vivo”. Entretanto, estar morto para *bíos* não quer dizer que se está morto de fato. Não é a morte fática que se observa com a morte de *bíos*, mas é a morte da humanidade do humano. Para nascer a desumanidade, pois desumano só o humano pode vir a ser, deve-se matar a humanidade, deve-se matar a forma de vida que é necessariamente humana: a morte de *bíos* é a morte da possibilidade de humanização do humano, a morte de *bíos* é a fermata sobre a pausa do *lógos* comum. É a escuta da *idiotia*, fazendo valer apenas a perspectiva e as crenças do *lógos* particular em não-*homología*. A humanidade morre quando se estabelece uma vida não homologada ao *lógos* comum. Esta morte é a morte que faz nascer um tipo de morto-vivo que diz a partir da própria particularidade, uma morte que é cheia de “mim”, uma morte que é a surdez ao discurso do *lógos* comum, que faz oposição a *bíos*. Se faz necessário cultivar o silêncio do “mim”. O silêncio das vozes que nos afasta da relação de *homología* com o *lógos* comum.

Essa morte é metaforizada com a imagem do dormir, pois estar dormente é um outro modo de pensar a ideia de uma existência em não-*homología* ao *lógos* comum. Vale dizer que estar acordado ou dormindo faz toda a diferença para o estabelecimento de uma ética humana ou desumana. Estar acordado é a condição do homem que é capaz de ver a própria morte. Os adormecidos pensam na morte apenas como uma fatalidade que dá fim à *zoé* e, por isso, só reconhecem a morte como alteridade, ou de modo mais claro, só conhecem a morte a partir da existência de outros, são incapazes de ver as várias camadas possíveis para as mais diversas modalidades de *thánatos*. Mesmo diante da inescapável presença do *lógos* comum, o “morto-vivo”, por dormir e esquecer, ignora-o. E porque o ignora, não pode seguir a lei, o *nómos*, do *lógos* comum. Ouvindo a si mesmo, o homem se torna surdo para o *lógos* comum. Assim, os mortos-vivos partem de uma perspectiva fracassada se o critério for a relação e escuta do conteúdo do *lógos* comum, pois aqueles que dormem não têm meios para ver ou ouvir o *kósmos*. Esse meio “fracassado” resulta numa ética que não satisfaz a necessidade humana, mas fortalece a desumana. Uma ética que fracassa o que há de humano no homem. A desumanização do humano é alimentada pelo sono e pelo esquecimento dos sons do *lógos* comum.

Souza, Jonathan Almeida de

Resenha de: COSTA, Alexandre. *Thánatos*: da possibilidade de um conceito de morte a partir do Lógos Heraclítico.

Por outro lado, Alexandre Costa não deixa passar despercebido que há *vida na homología*. O exemplo desta vida se encontra no sábio, tal como Heráclito o concebe. Os que estão com os ouvidos atentos, acordados, são considerados como minoria quando comparados ao outro grupo. No interior desta minoria, encontra-se o sábio que está sempre alerta e preocupa-se com o pensamento, porque sabe que é a partir do pensamento que o que ele apreende, compreende e diz se faz no encontro entre o *lógos* particular e o *lógos* comum. Este pensamento une o que apreende e compreende, finalizando esta ação em um dizer, cujo critério de verdade se baseia na *homología* com o *lógos* comum. O filósofo busca essa relação com o *lógos* comum partindo do *kósmos* para alcançar o discurso do *lógos* comum e da *phýsis*. O *lógos* particular, no caso do filósofo que está a todo momento com os seus ouvidos alertas, é toda e qualquer forma de pensamento que explora a relação do que se apreende e do que se pode dizer da compreensão do que foi apreendido no *kósmos*.

[Recebido em outubro de 2018; aceito em dezembro de 2018.]